



## CONTAÇÃO ACESSÍVEL DE HISTÓRIAS: INCLUSÃO PELAS ARTES

Loide Leite Aragão Pinto <sup>1</sup>

### RESUMO

Dentro da dimensão dos estudos sobre direitos das pessoas com deficiência dois documentos ganham destaque: a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, que foram consagrados no Brasil pelo decreto Nº 6.949/2009, que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e pela Lei Nº 13.146/2015, que instituiu o Estatuto da Pessoa com Deficiência. As conquistas ressaltadas nesses documentos, destacam o direito das pessoas com deficiência de usufruírem os espaços artístico-culturais e estarem neles em condições de igualdade. Isto provoca uma reflexão entre o caráter filosófico e político de realização das leis, e levanta um questionamento sobre o papel das pessoas com deficiência nos processos sociais de tomadas de decisões nos projetos e programas inclusivos. Com estas demandas em mente, o objetivo desse trabalho é apresentar a metodologia de contação acessível de histórias a partir do livro em multiformato O Espelho Mágico. Dentro da perspectiva inclusiva, novas formas e maneiras de contar a história foram desenvolvidas. A contação de histórias é uma ferramenta muito importante em nosso processo de formação e desenvolvimento, pois estimula o hábito da escuta, da consciência reflexiva, da resolução de situações-problemas, além de despertar a imaginação e a emoção. Todo esse potencial narrativo e formativo passou a ser usado por diferentes povos e culturas para passar suas verdades, tradições e ideias.

**Palavras-chave:** Contação de histórias; Acessibilidade; Livro em Multiformatos, Inclusão.

### INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é apresentar a metodologia de contação acessível de histórias desenvolvida pela contadora de histórias Loide Aragão a partir do livro em multiformato O Espelho Mágico (PINTO, 2019). Dentro da perspectiva inclusiva, novas formas e maneiras de contar a história foram desenvolvidas (SOUSA, 2018). A contação de histórias é ferramenta muito importante em nosso processo de formação e desenvolvimento, pois estimula o hábito da escuta, da consciência reflexiva, da

---

<sup>1</sup> A autora possui graduação em Letras, habilitação Português-Inglês pela Universidade do Grande Rio (1998), especialização em Literatura Infantil e Juvenil (2008) e em Acessibilidade Cultural (2019) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2017). Atualmente é aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal Fluminense. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Inclusiva, atuando principalmente nos seguintes temas: língua portuguesa, letramento, produção de texto e produção textual inclusiva. [loide\\_aragao@yahoo.com.br](mailto:loide_aragao@yahoo.com.br);



resolução de situações-problemas, além de despertar a imaginação e a emoção. Todo esse potencial narrativo e formativo passou a ser usado por diferentes povos e culturas para passar suas verdades, tradições e ideias (TAHAN, 1961).

Dentro da dimensão dos estudos sobre direitos das pessoas com deficiência dois documentos ganham destaque: a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, que foram consagrados no Brasil pelo decreto Nº 6.949, de 25 de Agosto de 2009 e o Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei Nº 13.146 de 6 julho de 2015. Dentre as conquistas ressaltadas, nesses documentos, destaca-se o direito das pessoas com deficiência de usufruírem os espaços artístico-culturais e estarem neles em condições de igualdade. Isto provoca uma reflexão sobre o quanto a acessibilidade deve estar presente nos espaços culturais e quais são as barreiras que impedem a participação de todos.

As conquistas ressaltadas na legislação provocam uma reflexão entre o caráter filosófico e político de realização das leis (BOBBIO, 2004, p 18), e levanta um questionamento sobre o papel de papel das pessoas com deficiência nos processos sociais de tomadas de decisões (AMARANTE & LIMA, 2009) nos projetos e programas inclusivos.

Ao longo do texto, serão apresentados os pressupostos teóricos que versam sobre a contação de história e seu potencial artístico, bem como as definições de livro em multiformato.

## **METODOLOGIA**

No decorrer do tempo, percebeu-se que a contação de histórias era uma ferramenta muito importante no processo de formação e desenvolvimento de quem as ouvia, pois estimulava a consciência reflexiva, a resolução de situações-problemas, o gosto pela leitura, além de despertar a imaginação e as emoções. As histórias, narradas pela tradição oral, ganharam suas versões escritas por diferentes tradicionalistas, como Perrault (1985), Grimms (2018) e Cascudo (2004). Esse material voltou a ganhar sentido oralizado e vida a partir das intervenções artísticas de diferentes contadores de história, que se dispuseram a interpretá-lo e recontá-lo.

Os diferentes contos, e posteriormente os contos de fadas, povoaram o universo infantil de narrativas populares, pois, como ressalta Bettelheim (2020), prometiam à



criança que, se ela ousasse se engajar nesta busca atemorizante, os poderes benevolentes viriam em sua ajuda, e ela conseguiria vencer o desafio. Abramovich (2001) destaca a importância da arte de contar histórias e sua cumplicidade na relação entre narrador e ouvinte. Como produto artístico, as histórias devem ser trabalhadas e preparadas, antes de serem legadas ao público, uma vez que é “[...] ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz” (ABRAMOVICH, 2001, p.18). Esse poder da palavra, consagrado na arte da narração e da “recriação” de cada contador (MATOS, 2005), está também associado ao uso de recursos e acessórios como livros com imagens e marionetes.

Contudo, não se pode dizer que a contação seja uma arte inclusiva, pois apresenta barreira quanto à fruição do conteúdo pelo público surdo, em relação à fala, pelo público cego, em relação às imagens e materiais performáticos, pelas pessoas em fase de letramento ou necessidades específicas em relação à complexidade da trama e enriquecimento linguístico da história. Novos olhares e posturas surgiram a partir da luta e das conquistas das pessoas com deficiência, que passaram a se apropriar dos espaços artísticos culturais e a cobrar que as intervenções artísticas fossem pensadas e preparadas considerando suas especificidades.

O movimento de luta e conquista das pessoas com deficiência teve sua maior conquista com a Promulgação da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo em 2007. O Brasil, como um dos países signatários, incorporou a convenção em 2009, na forma de decreto de emenda à Constituição Federal e depois na forma de estatuto estabelecido pela Lei nº 13.146/2015. Esses dois dispositivos legais foram de muita importância não só para o debate em torno dos direitos das pessoas com deficiência, mas de todas as pessoas, que em algum momento de suas vidas, viessem a apresentar necessidades específicas.

Dentro dessa perspectiva, há o reconhecimento do direito das pessoas com deficiência de participar da vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e dessa forma ter garantido seu acesso aos bens culturais em formatos acessíveis (BRASIL, 2009). A contação de história como uma atividade artístico-cultural precisou então incorporar diferentes formas e modos de apresentação para alcançar públicos diversos. Nesse sentido, a inclusão deixou de ser um ato benevolente para se tornar um direito.



Dessa forma, há a necessidade de se eliminar as barreiras, ou seja, “[...] qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade [...]”. (BRASIL, 2015, inciso IV)

As barreiras podem ser urbanísticas, existentes nas vias e nos espaços públicos e privados abertos ao público ou de uso coletivo; arquitetônicas, existentes nos edifícios públicos e privados; nos transportes, existentes nos sistemas e meios de transportes; nas comunicações e na informação, com qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação; atitudinais, a partir de atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas; tecnológicas, que dificultem ou impeçam o acesso da pessoa com deficiência às tecnologias. (BRASIL, 2009)

Entretanto, o desafio maior, para além de promulgar leis e ampliar o ordenamento jurídico Estatal que versa sobre direitos universais, é justificá-los, garanti-los e protegê-los. Isso, conforme ressaltava Bobbio (2004, p 18), é “um problema não filosófico, mas político”. Sem as mudanças históricas e as disputas de poder principalmente das pessoas com deficiência, não haveria garantia de direito e transformações na lei. Se hoje, temos garantias legais que reafirmam o direito das pessoas com deficiência, é importantíssimo entender que estas se fizeram reais através de conflitos e pela ampliação dos ideais de democracia e de cidadania.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A comunicação é o maior instrumento do contador de histórias. Toda sua arte está em sua capacidade de transmitir, pelos diferentes artifícios da oraliidade, a mensagem de sua narrativa. Contudo, se ela for cristalizada em uma única forma de narrar, deixará de fora diferentes públicos com necessidades específicas em relação à comunicação. A revisão da atitude do artista, em relação ao seu trabalho, pode ser considerada o maior desafio na reformulação da contação de histórias, pois necessita que o artista reconheça a necessidade de mudança em seu fazer artístico, conscientize-se sobre a legislação vigente acerca da acessibilidade cultural, conheça os órgãos e setores



de apoio, interno e externo, à acessibilidade e realize estudos e cursos necessários para reformulação de sua arte, dentro dos vieses inclusivos.

Os livros estão presentes nos ambientes de contação de histórias em seus múltiplos e coloridos formatos, que nem sempre podem ser folheados e manuseados por todos. A forma como a maioria dos livros está organizada exige o reconhecimento de sequência de leitura, da direção da leitura, a ordem de passagem das folhas e a habilidade de manuseio da obra. Logo, ele nem sempre será um material acessível para todo e qualquer público. A inserção dessa questão, no entendimento desse complexo movimento de inclusão, tira da pessoa com deficiência o problema de usufruir algum bem, e coloca nas barreiras encontradas por ela, no caminho de acesso a um espaço ou produto, o grande problema. Desse modo,

“[...] fica claro que a deficiência em si não torna a pessoa com deficiência incapacitada, mas, a sua relação com o ambiente sim. Portanto, é o meio que é deficiente, pois esse, muitas vezes, não possibilita o acesso de forma plena a essas pessoas, não proporcionando equiparação de oportunidades.” (LEITE, 2012, p. 51)

Nesse sentido, é direito da pessoa com deficiência viver de forma plena na sociedade e desenvolver suas habilidades sem depender de terceiros, desenvolvendo sua autonomia e ao máximo que puder sua independência.

Diante dessas questões, escritores como Claudia Werneck estão, desde 1992, produzindo e publicando livros em multiformatos (CAVALCANTI, 2015), como o livro *Sonhos do Dia*, que tem nove formatos diferentes para fruição do público: impresso com um DVD e um CD; falado sem audiodescrição; falado com audiodescrição; no formato Daisy, com descrição de todas as fotos e imagens; impresso em Braille, com descrição de fotos e imagens; filme com animação e audiodescrição em DVD; filme com Libras e legenda em DVD; documento em TXT e, também, no formato PDF.

Livro em multiformato é a concepção de produto acessível, elaborado em diferentes formatos para leitores com necessidades específicas. Ele pode ser um livro impresso, que traz em um único exemplar: o texto aumentado, em Braille, com imagens em relevo (para crianças cegas ou com baixa visão), em pictogramas (para crianças com incapacidade intelectual ou limitações de outra natureza), com um código Quick Response (QR) que remete para um site onde os livros estão disponíveis nas versões Audiolivro e videolivro, sendo a versão em vídeo elaborada para a Linguagem de sinais correspondente a cada cultura. (SOUSA, 2018, p.17)



Disponibilizar diferentes formatos acessíveis na produção e apresentação de intervenções artísticas tem como finalidade aproximar a pessoa com deficiência ou necessidades específicas da arte e da cultura. Os diferentes formatos são produzidos com o intuito de transpor as barreiras encontradas no formato convencional do livro impresso em tinta e aproximar cada vez mais pessoas da obra literária, permitindo o acesso delas à narrativa, à trama que envolve os personagens, ao enredo, ao estilo do autor e da ilustração, bem como, a outros elementos que potencializem a percepção estética. É dentro desta perspectiva inclusiva que se desenvolveu a contação de história acessível do O Espelho Mágico pela contadora de histórias Loide Aragão, associada ao livro em multiformato O Espelho Mágico, de modo a tornar o espaço da contação inclusivo para o maior número possível de pessoas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O livro em multiformatos O Espelho Mágico é uma adaptação do conto O espelho Mágico, coletado por Câmara Cascudo em seu livro Contos Tradicionais do Brasil (Cascudo, 2004, p.83). No conto, há um desafio, colocado pela princesa de se casar apenas com o rapaz que conseguir se esconder de seu espelho mágico. A trama envolvente da narrativa cativa o leitor/ouvinte e abre diálogo para novas interpretações e releituras. A versão proposta para o livro O Espelho Mágico surge da releitura feita pela contadora de histórias Loide Aragão, ao longo de seus mais de 20 anos de trabalho com a arte de contar histórias. A base da trama é mantida na contação, mas a narração passa a ser desenvolvida de modo a dar uma voz mais empoderada à personagem da princesa e um tom mais desafiador e alegre ao candidato à mão da princesa.

O livro acessível foi organizado em 10 formatos acessíveis, estando nove deles disponibilizados em arquivo digital no site da contadora de histórias (PINTO, 2019b). Tem-se: 1 livro físico e 9 arquivos digitais em formato de áudio, vídeo, ilustração, arquivo Txt, e arquivos em pdf. A partir do livro em multiformato do conto O Espelho Mágico, foi possível agregar à contação de histórias novos métodos e tecnologias. Dentre os formatos acessíveis disponibilizados, oito foram agregados à contação do conto O Espelho Mágico:

1 – Livro em tinta: O livro foi organizado dentro da proposta multiuso do livro, trazendo texto narrativo da história; ilustração dentro da perspectiva do Desenho



Universal; texto simples com símbolos e linha de comunicação alternativa, nos moldes do Sistema Aumentativo e Alternativo de Comunicação (SAAC) para diálogo e interação da história com os ouvintes com impedimento de fala. Versão impressa em espiral do livro em tinta com divisão do conto em duas partes, uma com texto e ilustrações, e outra com o texto simples com símbolos e linhas de comunicação alternativa.

2 – Livro em imagem: Livro organizado em folha tamanho A4, com orientação paisagem, capa de acetato transparente e espiral na parte superior da borda. Ilustrações ampliadas impressas frente e verso da folha em fundo verde claro. Contracapa em acetado colorido verde.

3 – Fantoches e acessórios: Dois bonecos bidimensionais, sendo um boneco da princesa com 60 cm de altura e 18 cm de largura de ombros, e outro do boneco do Rodrigão com 57,2 cm de altura e 17,2 cm de largura de ombros. Bonecos pequenos da princesa e do Rodrigão, adaptados de brinquedos infantis, e bonecos costurados em tecido dos demais personagens dos contos como: ave azul escuro em tecido de algodão, papagaio em tecido azul claro de algodão, pequena formiga em feltro marrom e pernas de linha de crochê cinza, carneiro em pelúcia enrugada branca, recorte de tecido em tons de verde com vários carneiros brancos, baleia grande em feltro azul, tubarão em tecido de cetim cinza, peixe dourado em feltro amarelo, duas aves de tecido felpudo preto com tecido branco na cabeça, recorte de tecido azul escuro coberto por filó preto com contas, recorte de tecido azul claro. Os acessórios como: pequeno frasco de perfume e ilustração do espelho da princesa em material imantado, com oito imagens ovais representando o reflexo do espelho com imagens da história. Também há fantoches pequenos dobráveis de papel de Rodrigão e da princesa Gimbya.

4 - Livro em Fonte Ampliada: Livro organizado em folha tamanho A4, com orientação paisagem, e folha de fundo preto. Fonte em cor branca, sem serifa, Arial 24, em maiúsculas. Espaçamento duplo entre linhas e margens moderadas com 2,54 cm de margens superiores e inferiores e 1,9 cm de margens direita e esquerda. Ilustrações ampliadas, ocupando toda dimensão da folha. Contracapa em folha plastificada.

5 – Livro em Braille: livro em impressão Braille com ilustração em relevo das ilustrações, acompanhado da audiodescrição das imagens. Impressão feita em folha de acetato transparente 21x30 cm e 0,21 mm, orientação paisagem, com espiral do lado esquerdo.



6 – Livro com texto simplificado: Livro com texto simplificado acompanhado das ilustrações. Texto em sentenças com períodos simples, produzidas na ordem direta da oração, com indicação do sujeito, seu estado ou ação, e complementos necessários. Tamanho A5, com 14,8 x 21 centímetros, em orientação paisagem com espiral na parte superior. Contracapa em acetado colorido azul.

7 – Audiodescrição: áudio com a audiodescrição das ilustrações do conto, separadas por página.

8 – Videolivro em Libras: Tradução do conto para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) com divisão das páginas. As cenas trazem a ilustração correspondente a cada página, a imagem do intérprete de Libras, e legenda com faixa, em linha corrida.

A partir do uso dos formatos acessíveis do livro acessível O Espelho Mágico, percebeu-se que esses só ganhavam sentido ao longo da narrativa se viessem acompanhados de atitudes inclusivas, com estratégias de uso planejado e inserção de materiais de acordo com a necessidade de cada público. Logo, para além de dispor de diferentes materiais acessíveis para a contação, era preciso ter a compreensão de como e quando usá-los. A seguir apresentaremos algumas estratégias de uso do material usadas durante a contação de histórias na Universidade Federal do Rio de Janeiro em Macaé, para a comunidade escolar do entorno do polo da universidade para celebrar o dia Mundial dos Oceanos.

No primeiro encontro de contação, a participação foi do público infantil de alunos da educação infantil. Para esse público foram selecionados os fantoches e os acessórios para a contação com o espelho imantado. A contação foi feita com uma linguagem mais simplificada do conto, de modo a tornar a contação mais atraente, mas sem resumir a história. Os pequenos reagiram bem aos fantoches pequenos. Eles se sentaram no chão próximos à contadora de histórias, que havia disposto todos os bonecos e fantoches para uso ao longo da contação, e também estava sentada. O espelho imantado e as figuras foram apresentadas e o público reagiu muito bem. Os pequeninos participaram da brincadeira de mudança de figura do espelho e esperavam ansiosos para ver em qual momento o desafio da princesa seria vencido por Rodrigo.



Figura 1: Contação de histórias público Infantil



Fonte: Arquivo pessoal do autor

No segundo momento, a sessão de contação recebeu uma criança de aproximadamente dois anos, muito agitada. A história então foi contada utilizando o livro em imagem em associação com o espelho imantado e os bonecos pequenos dos personagens. Desse modo, a criança percorria o espaço de contação e, de acordo com o interesse pela história, acompanhava a sequência de imagens, enquanto a contadora manipulava os bonecos. A história foi reduzida para acompanhar o tempo de atenção da criança.

No terceiro momento de contação, o público participante foi de estudantes adolescentes e para esse grupo foram utilizados os bonecos bidimensionais, associados à apresentação das figuras do espelho em projeção de slides. A princípio, o grupo ficou um pouco apático em relação à contação, pois consideravam uma atividade infantil. Contudo, a estratégia dos bonecos bidimensionais, associada à apresentação dos slides com as figuras do espelho chamaram muito a atenção dos estudantes, que envolveram bem com a história e acompanharam a contação com mais atenção.



Figura 2: Contação de histórias público Juvenil



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Todas essas estratégias precisaram estar previstas para a apresentação. Os demais materiais acessíveis como o livro em imagens, o livro em fonte ampliada e o livro em texto simplificado ficaram dispostos para o público conhecê-los e interagir com eles. Percebeu-se que todo esse conjunto de materiais, técnicas e atitudes precisa ser previamente pensado e planejado para que a contação de histórias fosse um espaço inclusivo.

Desse modo, a forma oralizada de compartilhar o conto, ganhou diferentes formatos que buscaram eliminar as barreiras presentes na tradição da contação oral. Os demais recursos como a linha de comunicação alternativa presente no livro físico permite um diálogo do contador de história com o público, especialmente para o público com impedimento de fala, pois permite que eles indiquem se gostariam de voltar a página, repetir a leitura, parar ou avançar com o texto.

Para o público com deficiência auditiva ou surdez, o recurso do videolivro em Libras em associação com a contação de história se mostra uma boa alternativa, associado a uma boa sincronia da história narrada ao vivo com o vídeo, de preferência seguindo a paginação do livro, para sincronização da história. Para permitir um bom acesso das ilustrações ao público com pessoas cegas, o livro em impressão em Braille



com as ilustrações em relevo pode estar disponível para o público interessado em conhecer a ilustração a partir do toque. Pode-se criar espaços para apresentação das ilustrações acompanhadas da audiodescrição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de história é uma atividade artística performática da tradição oral que, ao longo do tempo, viajou, evoluiu e ganhou novos formatos. Antes era perpassada pelos ventos com a ação da oralidade, depois foi aprisionada pela escrita. Atualmente, ela continua sua viagem por meio da “recriação” de cada contador de histórias. Diante das conquistas das pessoas com deficiência de usufruírem dos espaços artísticos em condição de igualdade com os demais participantes, atividades tradicionais como a contação de história precisaram ser reformuladas para atender de forma satisfatória o maior número possível de pessoas presentes em suas sessões e propiciar diferentes formas de apreciação do material artístico.

Dentro dessa perspectiva, novos materiais e métodos precisaram ser desenvolvidos para transformar a contação de histórias em um espaço acessível, buscando atender as especificidades de pessoas cegas ou com baixa visão, surdas, com diferentes níveis de comunicabilidade, com baixo letramento e demais especificidades. Essas novas formas de contar a história O Espelho Mágico se desenvolvem no diálogo entre as barreiras presentes na *performance* artística e as necessidades específicas dos diferentes públicos.

A contação de histórias precisa considerar as diferenças entre as pessoas e incluí-las em sua apresentação. Os multiformatos são recursos importantes, que dialogam entre si e podem ser usados em diferentes situações de acordo com as demandas do público. Conforme mais e mais pessoas com necessidades específicas passem a frequentar o espaço artístico-cultural, mais e mais formas diferentes de contar as histórias serão desenvolvidas de modo a garantir o direito de todos aos bens culturais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.



BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro, 2002.

BOBBIO, N. **A era dos direitos.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de Agosto de 2009.** Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília. Casa Civil, 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm)> Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília. Casa Civil, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CASCUDO, L. C. (2004). **Contos tradicionais do Brasil.** 13º ed. São Paulo: Global.

CAVALCANTI, L. Entrevista Claudia Werneck. **Responsabilidade social.** Edição nº 192. Maio 2015. Disponível em: <<http://www.responsabilidadesocial.com/entrevista/claudia-werneck/>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GRIMM, J., & GRIMM, W. **Contos maravilhosos infantis e domésticos [1812-1815].** Tradução por Christine Röhrig. 1. ed. São Paulo: editora 34, 2018.

LEITE, F. P. A. A convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência: amplitude conceitual. **Revista de Direito Brasileira.** Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 31-53, jul/dez 2012.

MATOS, G. A. **A Palavra do Contador de Histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERRAULT, J. C. **Contos de Perrault.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985.

PINTO, L. L. A. **Criação de obra literária acessível: O Espelho Mágico.** Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Monografia. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2019a. 104f.

PINTO, L. L. A. **O espelho mágico. In: Livros acessíveis: histórias em múltiplos formatos.** Rio de Janeiro. RJ, Brasil, 2019b. Disponível em: <<https://loidearagao.wixsite.com/meusite/oespelhomagico>>. Acesso em: 20 ago. 2020

SOUSA, C. (2018). **E se entrasse numa livraria e pedisse um livro MULTIFORMATO?** III Encontro sobre inclusão em contexto escolar. Apresentação em slides, 2018. Disponível em: <<http://eventos.ccems.pt/inclusao/userfiles/File/Apresentacoes2018/CeliaSousa.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.